

Tribo teve que se mudar com a construção do reservatório de Serra da Mesa, num local de difícil acesso

Miscigenação pode salvar índios avás da extinção

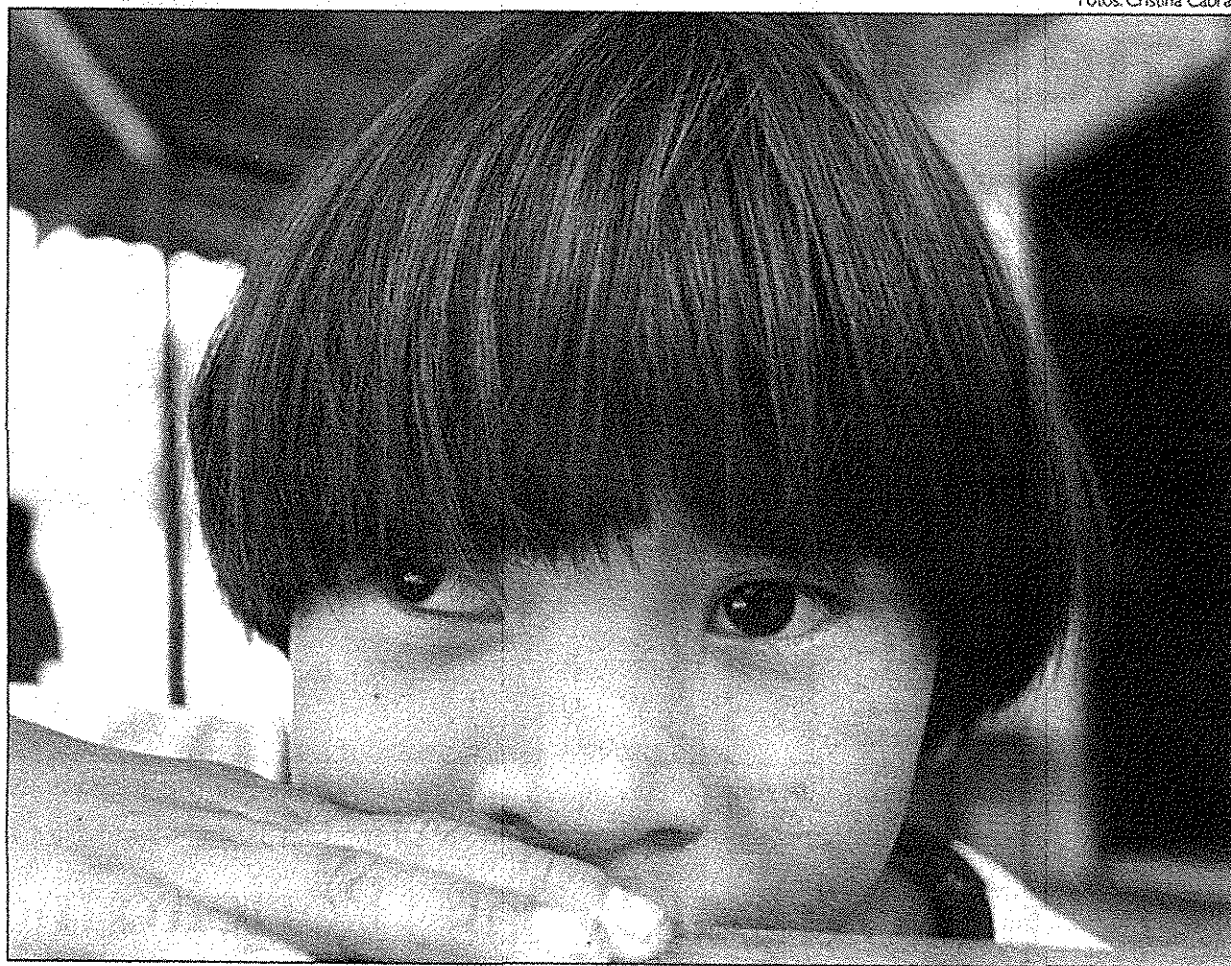
Apenas quatro adultos e duas crianças restam da nação que já teve 150 integrantes em Goiás na década de 60 e que foi massacrada por posseiros

ISABEL CZEPAK

A miscigenação com tribos de língua e costumes semelhantes é atualmente a alternativa mais viável para salvar da extinção os índios avá-canoeiros. A hipótese é levantada pelo indigenista Walter Sanches. Ele trabalha na reserva onde hoje residem os seis sobreviventes conhecidos da nação massacrada na década de 60 pelos posseiros de terra na região da Mata do Café, entre os municípios de Colinas e Minaçu. São quatro adultos e duas crianças, todos da mesma família. A não ser a miscigenação, resta a esperança de que pistas encontradas no mês passado no município de Campos Belos, no Nordeste goiano, realmente levem a outros remanescentes.

A Fundação Nacional do Índio (Funai) estima que nos anos 60 os avá-canoeiros eram 150, uma das nações mais populosas de Goiás. Viviam em perfeito equilíbrio com a natureza, plantavam, caçavam e "canoavam" no Rio Tocantins. Esta época feliz não é mais que uma lembrança para os sobreviventes. Eles perderam suas famílias, fugiram durante décadas e acabaram testemunhando um espetáculo que jamais imaginaram: com o fechamento das comportas da Hidrelétrica de Serra da Mesa, o rio praticamente secou. Pode ser atravessado a pé em vários trechos. Os avá foram obrigados a mudar porque o local onde moravam, situado acima da barragem, foi inundado.

Na sua sabedoria espontânea, o índio Iawi, único homem do grupo, diz que "Furnas engoliu o Rio Tocantins". Mesmo com tantas mudanças,



Fotos: Cristina Cabral

Criança avá é um dos seis remanescentes da tribo que no passado esteve entre as mais populosas do Estado

a família avá parece contente com a nova morada, que fica próxima a uma das nascentes do Rio Piratininga, o maior afluente do Tocantins. No fundo do vale, a água corre cristalina entre enormes pedras formando piscinas naturais. Iawi diz que não falta peixe e há espaço suficiente para o cultivo do arroz e milho (as culturas preferidas), amendoim, mandioca, abóbora e feijão. Em volta, montanhas cobertas pela mata fechada completam a beleza natural do lugar.

Novos hábitos

Hábeis no uso de arcos e flechas, especialmente as mulheres, os avás ainda caçam teiús, tatus e pacas. Como estes animais andam escas-

os, Sanches não deixa faltar carne de gado, iguaria muito apreciada por eles. A exemplo da mudança no cardápio, outros hábitos do homem branco foram incorporados. Moram em vistosas e confortáveis casas de tijolo aparente e telhado francês, mas o projeto foi adaptado à arquitetura das ocas avá. Ao contrário do que ocorria com a morada anterior, o acesso à aldeia hoje é difícil, apesar de o trajeto poder ser feito de carro. São cerca de 20 quilômetros de estrada de chão sinuosa, extremamente pedregosa e íngreme.

Não é à-toa que a viagem parece uma prova de rali. Antes os índios residiam em frente a uma área de acampamento, às margens do

Tocantins. "Mesmo se tratando de uma reserva, não conseguíamos afastar os turistas, que traziam cachaça e cerveja", lembra Sanches. Desde a mudança, os avás raramente recebem visitas.

O acesso é restrito ao pessoal da Funai. As exceções são feitas a jornalistas, antropólogos, pesquisadores e autoridades. Há duas semanas, promotores do Ministério Público estiveram na aldeia para verificar se eles estão adaptados à nova morada. Sanches, que acompanha o grupo desde o primeiro contato, em 1983, diz que sim. "Parecem muito felizes, tanto que não pedem para sair nem a passeio."

Fazendeiros matavam até mulheres e crianças

Dos 38 mil hectares que compõem a reserva avá-canoeiro, 3,8 mil serão alagados com o enchimento total do reservatório. Destes, aproximadamente 2 mil hectares já estão sob as águas. A área será reposta por Furnas, conforme convênio assinado com a Funai. Provavelmente será adquirida uma gleba

contígua à reserva, na cabeceira do Rio Piratininga. Mais um parágrafo de texto diferente na história deste povo que, até suas terras serem demarcadas pela Funai, há pouco mais de uma década, nunca foi reconhecido como dono legítimo do lugar em que habita. Nem o seu direito à vida foi respeitado.

O fazendeiro Alípio Maia da Silva, 69 anos, residente em Minaçu, foi um dos primeiros posseiros a se instalar na região da Mata do Café, na década de 60. Ele se lembra que nas redondezas do local onde construiu um rancho de palha para morar com a esposa, Maria de Lurdes Marques, 64 anos,

havia muitos índios. "Ninguém conseguia trabalhar direito na lavoura. Eles jogavam pedras, atacavam mesmo." Para "acabar com o problema", Silva conta que os fazendeiros dizimaram famílias inteiras. "Chegavam em uma morada onde só havia mulher e criança e matavam todo mundo. Não deixava nem criação."

Matança

Para se defenderem dos índios, os posseiros armavam vários ranchos juntos. Também ficavam unidos na hora de cultivar a roça. "Com o tempo e a matança, os índios foram diminuindo. Juntamos uns 60 posseiros e abrimos estradas com enxadão. Aí a gente não precisava mais carregar a colheita em lombo de burro e a vida foi ficando mais fácil", lembra Silva, dono das primeiras cinco vacas que entraram na Mata do Café. "O progresso chegou mesmo depois que a Sama (mineradora de amianto) veio para Minaçu. As estradas ficaram melhores, o comércio cresceu e a cidade ganhou mais recurso."

Formação de lago deixa comunidade "vingada"

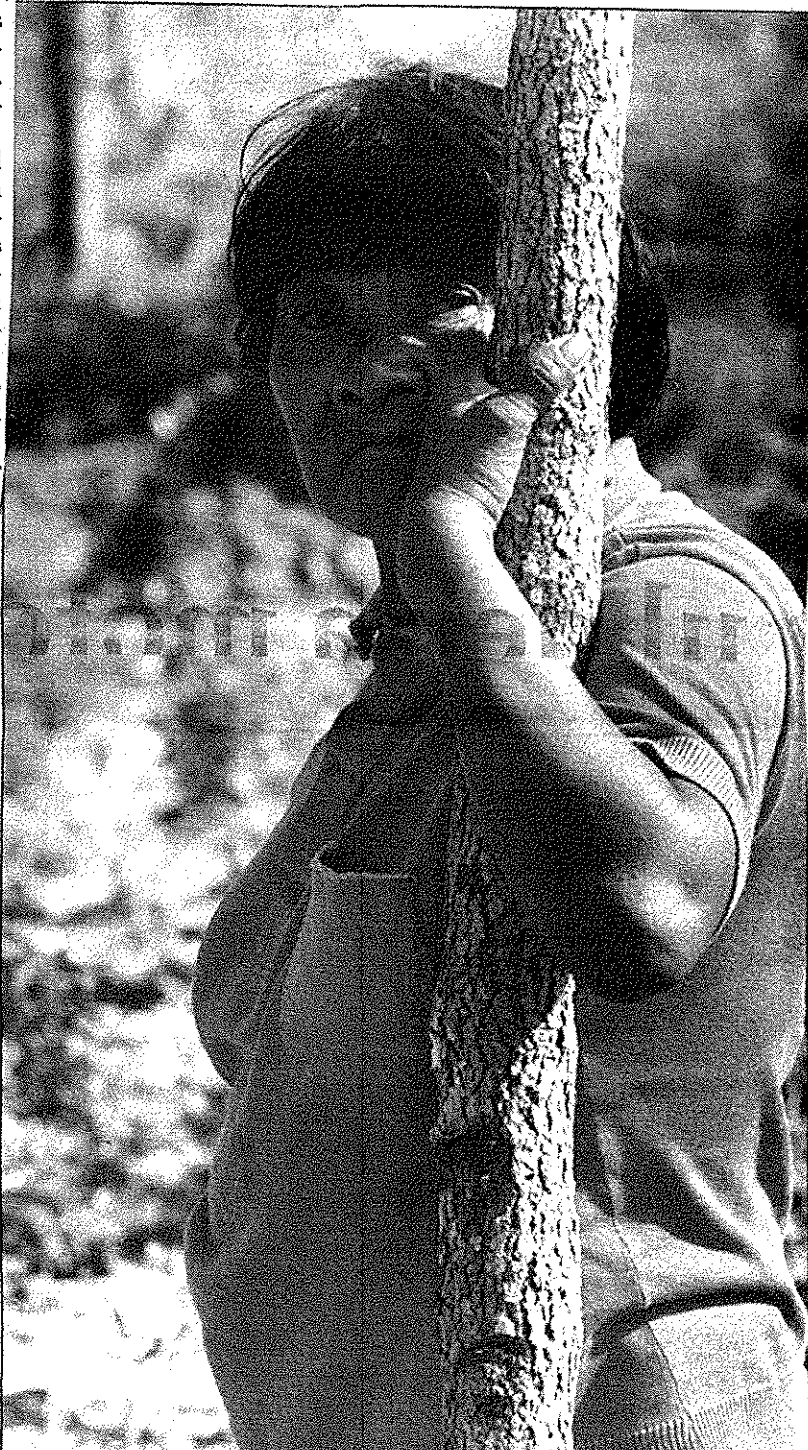
De certa forma, o enchimento do lago de Serra da Mesa parece ter vingado os índios avá-canoeiros. Os mesmos fazendeiros que dizimaram a nação e ocuparam suas terras, foram desalojados delas pela cheia do reservatório. Receberam pequenas fortunas pelas propriedades há dez anos, mas segundo Alípio Maia da Silva, a maioria perdeu tudo. Ele recorda que as indenizações foram pagas em cruzeiros, pouco antes do primeiro plano econômico do governo Sarney. Com as sucessivas mudanças da economia, o dinheiro se descapitalizou e, por último, muitos dos indenizados tiveram suas reservas confiscadas pelo Plano Collor. "Eu mesmo fui um. Soltearam o dinheiro de pouquinho em pouquinho. Não deu para nada."

Silva diz que não conseguiu comprar nem um Fusca com os milhões que recebeu pelos 43 alqueires que possuía na Mata do Café. Até seis meses atrás, quando as comportas da usina foram fechadas e o reservatório começou a ser

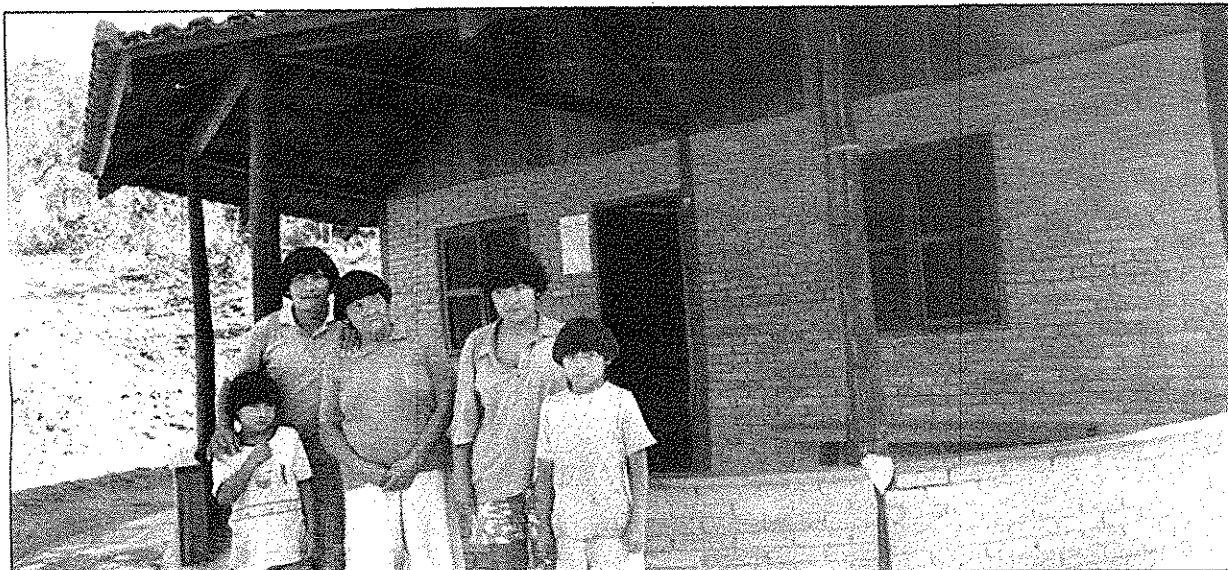
formado, o fazendeiro pôde usufruir da terra. Só agora começou a desocupar a propriedade, cuja confortável residência com 11 cômodos está sendo encoberta. "Tirei o madeirame, as telhas, mas perdi os tijolos e mais uns 80 rolos de arame liso e farpado, curral, chiqueiro, paiol, casa de despejo, sem contar os pastos formados", lamenta.

Perda

Maria de Lurdes, a esposa, sente a perda de um pedaço da história de sua família. Foi na Mata do Café que ela teve os 11 filhos. "Os meninos só começaram a estudar com 15 anos. Até hoje têm pouca leitura. Também não havia médico. Perdi uma filha logo depois de nascida porque não tinha ninguém para socorrer. Quem fazia os partos eram as vizinhas." Mesmo com todas as dificuldades, Lurdes reclama das saudades. "Era um tempo farturo, que hoje a gente não vê mais", gaba-se, olhando fotografias desbotadas espalhadas sobre a mesa.



Mulheres índias chegaram a ser mortas por fazendeiros nos anos 60



Sobreviventes da nação avá em Goiás moram hoje em uma confortável casa adaptada à arquitetura indígena